

TEMPOS COTIDIANOS DE PROFESSORES FORA DA ESCOLA: OUTROS LABORES

Geovani De Jesus Silva
Universidade do Estado da Bahia
geovanideporto@yahoo.com.br

Inês A. Castro Teixeira
Universidade Federal de Minas Gerais
inestei@uol.com.br

1

RESUMO: O trabalho analisa as configurações do tempo de professoras e professores da Educação Básica fora da escola, a partir de elementos dos processos sócio históricos que as constituem. Dentre os tempos sociais, a pesquisa analisa o tempo livre, entendido como os períodos liberados das exigências profissionais e do trabalho. Estes seriam momentos nos quais os indivíduos poderiam vivenciar atividades sob sua própria escolha, para sua satisfação e necessidades pessoais e outras possibilidades. Nos tempos livres incluem-se, ainda, as atividades de lazer, o descanso, a regeneração, as necessidades biológicas, o cuidado de si. O estudo tematiza os tempos fora da escola, vividos por professoras e professores de escolas de Educação Básica de Porto Seguro, região turística litorânea do estado da Bahia (Brasil). Constatou-se que são escassos os tempos livres do grupo investigado, ainda que o problema da escassez desses tempos no cotidiano dos docentes tenha consequências sobre seus corpos, seu trabalho, sua sociabilidade, trazendo prejuízos, dificuldades e tensões nefastos à condição humana e existencial dessas/es trabalhadoras/es. Quanto ao desenho e estratégias metodológicas da investigação, trata-se de uma pesquisa exploratória e descritiva, sem propósito de representação amostral. Os professores investigados responderam a um questionário, foram entrevistados individualmente e participaram de grupos focais, além de se corresponderem através de mensagens internetas, conversando sobre seus viveres e sentimentos de seus tempos fora

da escola. Realizada entre janeiro e dezembro de 2013, as conclusões da investigação, uma tese de doutorado, estão organizadas em três planos analíticos: a) o do espectro geral dos tempos das/dos professoras/es fora da escola; b) o eixo dos processos de suspensão, compensação e regeneração, nos termos de Erich WEBER (1969); c) o eixo no qual são identificados e analisados os desafios, tensões e conflitos inscritos nos

viveres dos tempos cotidianos das/dos professoras/es fora da escola, bem como as estratégias e táticas que eles e elas mobilizam para conciliar os tempos de trabalho com seus ditos tempos livres. Entre outras descobertas da pesquisa, constatou-se que aqueles professores vivem subsumidos e tensionados entre a escassez do tempo livre e uma sobreposição de “trabalhos sem fim”. Seus períodos fora da escola, que seriam tempos livres, se transmutam em períodos de muitos outros trabalhos: da escola e da casa. Seus tempos fora da escola são também marcados pela atividade laboral, pelo desafio de articular as várias situações, momentos, durações e ritmos do dia a dia fora da escola às cadências e exigências do trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: Vida de Professores; Tempos Docentes; Tempo livre.

Introdução

São tempos raros, são períodos efêmeros, são tempos usurpados os ditos tempos livres dos professores, seus tempos fora da escola. Na experiência dos tempos docentes do grupo de professores investigado são tempos imprensados entre um e outro período de trabalho: outros labores fora da escola. Mas onde estão eles? Como se pode vê-los, encontrá-los, observá-los? São eles: os períodos anteriores e posteriores às jornadas de trabalho na escola; são os intervalos para o almoço; são os finais de semana (sendo que muitos sábados são considerados dias letivos, havendo trabalho docente nas escolas); são os tempos nos quais os mestres voltam para as suas casas ou se deslocam para pequenos períodos de tempo outros territórios de suas vidas cotidianas nos dias da semana e nos finais da semana. Esses tempos, da rotina dos dias da semana e dos finais de semana do semestre letivo se ampliam, eventualmente, com os que chamamos de tempo livre institucionalizado nos calendários que são: os ditos feriados de um único dia, ou ampliados, os chamados recessos escolares do mês de julho e o período do Natal, os maiores períodos de recesso. Há, também o período das férias de janeiro de cada novo ano.

Esses tempos docentes fora da escola foram investigados através de uma pesquisa que analisou os tempos fora da escola, vividos por professoras e professores de escolas de Educação Básica de Porto Seguro, região turística litorânea do estado da Bahia (Brasil). Quanto ao desenho e estratégias metodológicas da investigação, trata-se

de uma pesquisa exploratória e descritiva, sem propósito de representação amostral. Os professores investigados, 120 docentes em seu conjunto, responderam a um questionário. Deste conjunto, 13 professores foram entrevistados individualmente e 08 participaram de grupos focais, além de se corresponderem através de mensagens internautas, conversando sobre seus viveres e sentimentos de seus tempos fora da escola. Realizada entre janeiro e dezembro de 2013, trazemos a este trabalho, uma tese de doutorado, uma parte de suas conclusões.

Para os professores, como outros trabalhadores, é inegável a relação entre tempo livre e trabalho - um é tomado do outro. Contudo, segundo Eric Dunning e Norbert Elias (1992) faz-se necessário uma discussão mais ampla acerca da conceituação teórica das atividades de tempo livre, especialmente sobre o lazer. É sabido que, as primeiras manifestações pelo tempo liberado do trabalho foram realizadas por trabalhadoras e trabalhadores, do mesmo modo que também temos conhecimento de que a noção de tempo livre está relacionada ao trabalho, porque os indivíduos que o reivindicavam, necessitavam diminuir as suas excessivas jornadas, descansar, relaxar, revigorar-se. Contudo, como assegura Theodor Adorno (2009), a noção de tempo livre de uma sociedade muda, quando os aspectos sócio-históricos, políticos e culturais são modificados, podendo os indivíduos vivenciarem rupturas e continuidades.

Sendo assim, na expressão de Eric Dunning e Norbert Elias (1992) a processualidade histórica exige uma nova postura frente as discussões sobre o tempo livre, não se trata de renegar a sua funcionalidade, mas problematiza-la. Além disso, é deve-se compreender que mesmo sob o domínio da indústria cultural e dos negócios de lazer, as atividades de tempo livre podem proporcionar prazer, satisfação, excitação e momentos agradáveis aos indivíduos que trabalham e que não trabalham, pois se constitui em uma necessidade humana, tanto quanto é o trabalho. Entretanto, os autores asseguram que faz-se necessário uma educação para o tempo livre, para que o individuo não caia nas armadilhas do consumismo e da expropriação.

Isto posto, este trabalho contém um primeiro esboço de uma classificação preliminar das atividades de tempo livre vivenciadas pelas/os docentes em seus tempos cotidianos, mesmo em meio ao turbilhão de obrigações profissionais cotidianas que lhes são impostas, a partir da metáfora do espectro do tempo, de Eric Dunning e Norbert Elias (1992), para quem as atividades de tempo livre compõem um espectro. Nele

encontram-se ações sobrepostas, cadenciadas, justapostas, de curta e longa duração, já determinadas pelo mercado e negócios de tempo livre, outras inventadas e recriadas pelos indivíduos nas interações e convivência social. Essas atividades se multiplicam como feixes de luzes de cores diferentes, que juntas produzem múltiplas cores, um espectro.

Este artigo apresenta um espectro do tempo livre dos docentes investigados, a partir de alguns de seus feixes: o dos trabalhos que invadem esses tempos.

4

Trabalhos sem fim¹

Nesse segmento dos tempos fora da escola, tempos que seriam livres, temos a usurpação do tempo livre propriamente, pois este se transmuta em tempos de outros trabalhos, docentes ou não, envolvendo as tarefas realizadas no âmbito familiar, incluindo a provisão da casa, o cuidado das/os filhas/as e de outras pessoas, as transações financeiras e outras tantas atividades que exigem esforços, outros labores. Está também nesse segmento, o montante de tarefas da escola, realizadas em casa e em outros espaços de vivências docentes, bem como a atividade de renda complementar e outras. Segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992), esse segmento de atividade tende a ocupar uma maior parcela de tempo que as demais, pois existem tarefas repetitivas e necessárias que, com o passar do tempo, se inserem na rotina familiar. Além disso, exige atividade dura, que precisa ser realizada, quer o indivíduo goste ou não, como se observa nos gráficos que ilustram os trabalhos mais citados pelos sujeitos.

¹ Utilizamos a expressão *trabalho sem fim*, utilizada por Danilo Martuccelli e Kátia Araújo (2012) para expressar a realidade da sociedade chilena, estudada por eles em uma pesquisa, no intuito de denominar os tempos cotidianos docentes relacionados não somente aos trabalhos da casa, mas também o trabalho complementar de renda, que nem sempre ocorre no espaço privado, como também, as distintas e inúmeras tarefas da docência que são realizadas fora da escola, dentre outros.

Gráfico 10: Trabalhos da Docência – por sexo

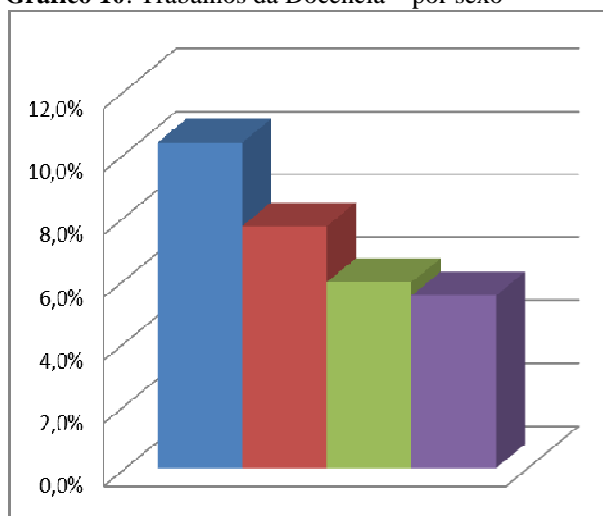


Gráfico 11: Trabalho Doméstico

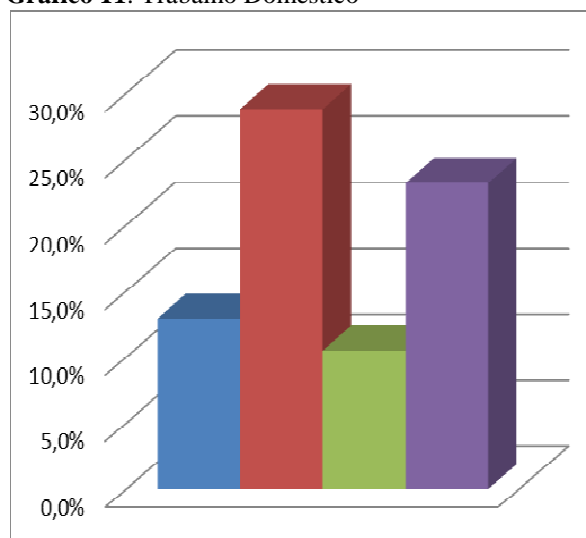


Gráfico 12: Trabalho complementar de renda - por sexo

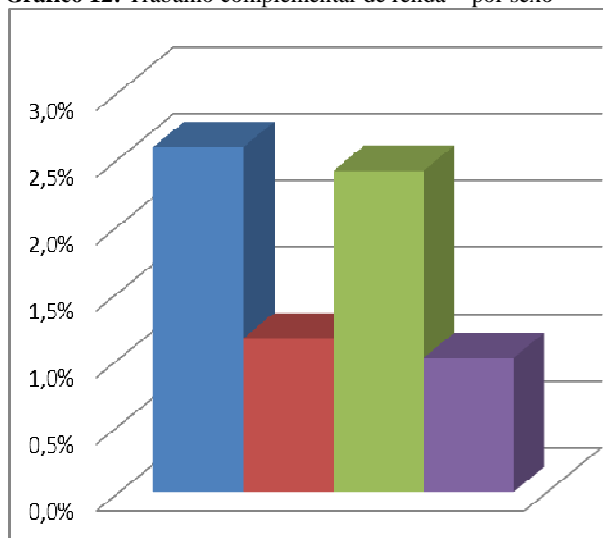
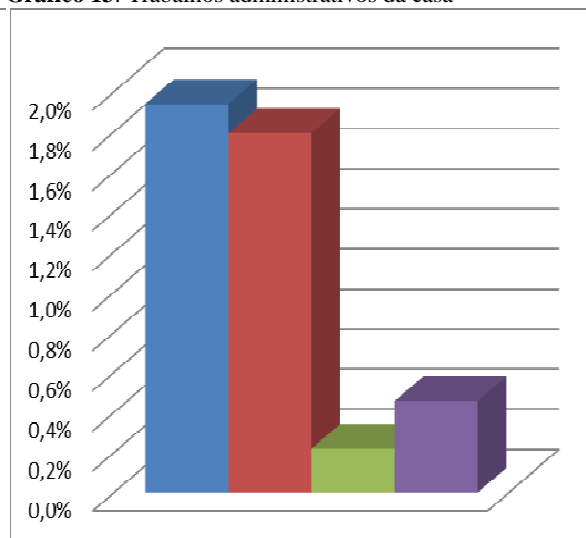


Gráfico 13: Trabalhos administrativos da casa



■ Masculino – Segunda a quinta
■ Feminino – Segunda a quinta
■ Masculino – Final de semana
■ Feminino – Final de semana

Em relação às menções ao trabalho doméstico, a pesquisa evidenciou 530 menções no decorrer da semana e 302 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 75,4% dos tempos livres docentes, sendo que 12,9% das menções foram dos homens e 28,8%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana, essa ocupação passa para 10,5% das menções dos homens e 23,2%, das

mulheres. Conclui-se, portanto, que o trabalho doméstico é realizado especialmente pelas professoras, as quais, rotineiramente, desde o momento que acordam até a hora de dormir, se responsabilizam pelo labor doméstico, simultaneamente às suas obrigações com o trabalho assalariado, enquanto são geralmente reservados para os homens, os trabalhos complementares, em geral entendidos como auxílio, como ajuda à mulher, e não como responsabilidades compartilhadas, tais como: a mulher lava os pratos e ele os enxuga, ela lava as roupas e ele as pega do varal, e assim sucessivamente.

Eles costumam fazer, também, aqueles trabalhos denominados por Eric Dunning e Norbert Elias como administração da casa: compras, pagar contas, resolver questões em banco, dentre outras funções, desde que não atrapalhem as suas rotinas masculinas, ficando o mais pesado para as mulheres (limpar, cuidar de animais e plantas, cozinhar, lavar e demais). Em relação aos trabalhos de administração da casa, constatamos que os homens os fazem mais do que as mulheres. A pesquisa evidenciou 40 menções no decorrer da semana e 06 menções no final de semana, ocupando apenas 4,4% dos tempos livres docentes, sendo que 2,6% das menções foram dos homens e 1,2%, das mulheres, no decorrer da semana, ao passo que, no final de semana, essa ocupação passa para 0,2% das menções dos homens e 0,5%, das mulheres.

Há, por parte dos homens, pouca disposição em fazer o trabalho doméstico ou até mesmo compartilhá-lo, pois da mesma forma que histórica e culturalmente foi reificado que essa responsabilidade era da mulher, foi também reificado que a função do homem era prover a casa (Lina COELHO, 2004). Esse tipo de comportamento tem alterado muito pouco, mesmo com a inserção massiva das mulheres no mercado de trabalho, em jornadas similares e até mesmo superiores às dos homens, perpetuando assim as desigualdades entre homens e mulheres, em benefício dos primeiros.

Já o trabalho complementar de renda é realizado durante os dois períodos, durante a semana e finais de semana, mais pelos homens do que pelas mulheres. Constatamos, também, que os homens desenvolvem atividades com registro profissional, ou seja, trabalham em academias, vendem imóveis, dentre outras, enquanto as mulheres são sacoleiras (vendem de porta em porta, e na própria escola, cosméticos, confecções, dentre outros produtos). Quanto às menções ao trabalho complementar de renda, evidenciamos 34 menções no decorrer da semana e 22 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 7,2% dos tempos livres docentes, sendo que 2,6% das

menções foram dos homens e 1,2%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana, essa ocupação passa para 2,4% das menções dos homens e 1,0%, das mulheres. Podemos observar que esse tipo de trabalho não é realizado por um número significativo de professoras e professores, mesmo porque, ocupadas/os o dia inteiro com as jornadas docentes e o trabalho doméstico, não há espaço no seu espectro de tempos livres para essa atividade.

O trabalho da docência é realizado por ambos os sexos, contudo a pesquisa demonstra que os homens costumam realizá-lo com maior frequência durante a semana, mais do que as mulheres. Isto porque o professor está sempre mais livre em casa do que a professora, pois recai sobre ela toda a responsabilidade da casa, enquanto ele pode se debruçar sobre o trabalho da escola, bem como fazer atividades que lhe proporcionem lazer, descanso e relaxamento. Em relação às menções a esse tipo de trabalho, a pesquisa evidenciou 184 menções no decorrer da semana e 87 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 29,4% dos tempos livres docentes, sendo que 10,3% das menções foram dos homens e 7,7%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 5,9% das menções dos homens e 5,5%, das mulheres.²

7

Descanso e relaxamento

O descanso e o relaxamento realizam a função regeneradora do tempo livre, e quando isso não ocorre, o corpo sofre prejuízos, pois o estado de fadiga faz com que a energia se esgote, e as forças enfraqueçam. Repousar, tanto pode ser dormir quanto também não realizar nenhum esforço ou trabalho, mesmo que este seja diferente da atividade assalariada do indivíduo. É o nada fazer, tranquilizar-se, sossegar-se, na expressão de Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Pertencem ao nada fazer, atividades

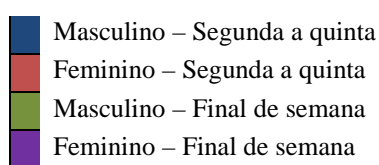
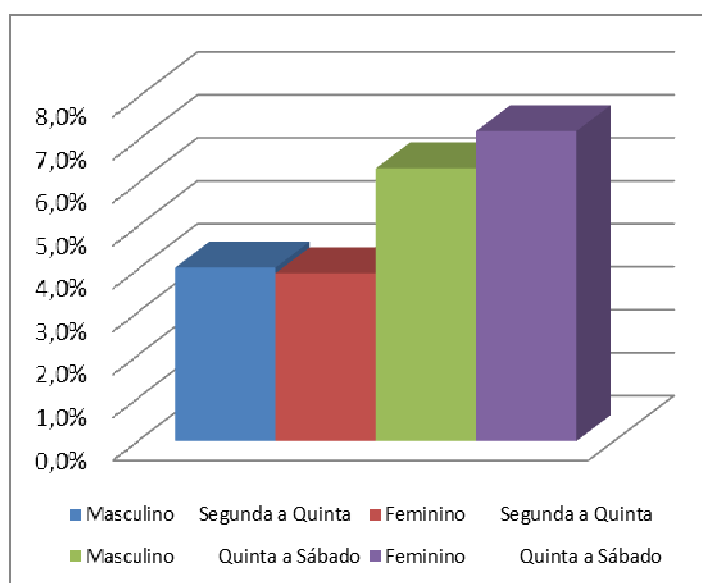
²As modalidades de trabalho citadas, com exceção do trabalho complementar de renda, se cumprem nos tempos cotidianos, segundo André Gorz (2003), não como uma troca mercantil, elas têm em vista resultados distintos. No trabalho doméstico os próprios indivíduos, como beneficiários, garantem as bases necessárias imediatas à sobrevivência, já o trabalho docente realizado fora da escola é um tempo expropriado dos períodos que deveriam ser efetivamente livres.

de lazer que não exijam deslocamentos e esforço, como jogos de mesa, palavras cruzadas, trabalhos manuais e artísticos, dentre outros.

Constatamos na pesquisa, que tanto para os homens quanto para as mulheres o descanso só ocorre no final de semana, especialmente no domingo, dia reservado para esse fim, como podemos observar no gráfico a seguir:

8

Gráfico 14 – Descanso semanal – por sexo



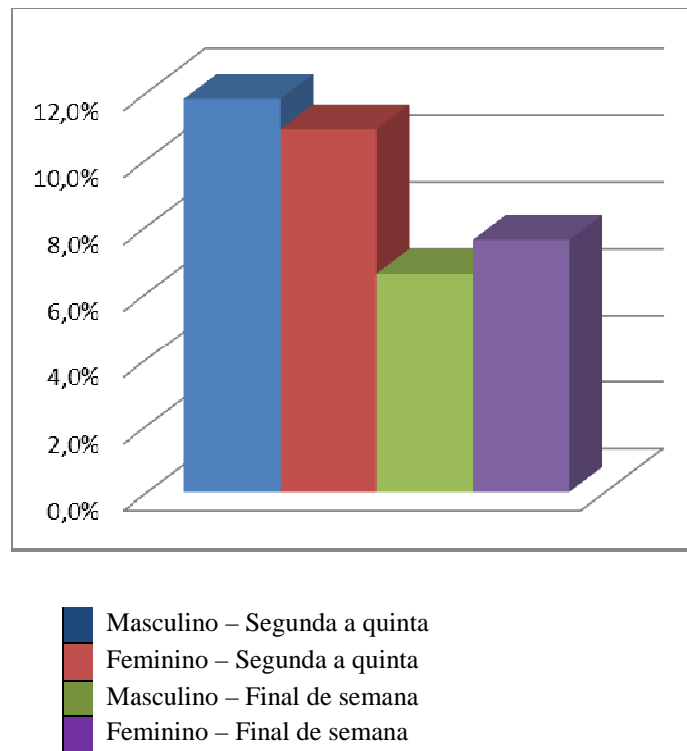
Em relação às menções ao descanso e relaxamento, a pesquisa evidenciou 86 menções no decorrer da semana e 108 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 21,4% dos tempos livres docentes, sendo que 4% das menções foram dos homens e 3,9%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 6,3% das menções dos homens e 7,2%, das mulheres. Desse modo, ações como dormir à tarde ou qualquer hora do dia, deitar no sofá ou se assentar

para ver TV, sem se preocupar com a programação, *jogar conversa fora* com amigos, vizinhos, parentes, dentre outras práticas de não fazer nada, foram citadas pelos sujeitos pesquisados como aquelas realizadas mais nos finais de semana, porque durante a semana se encontram absorvidos pelos seus trabalhos na escola e outros.

Provisão das necessidades humanas

Incluem-se nessa categoria, da provisão das necessidades humanas, ações e práticas realizadas nos tempos livres, que atendem às necessidades biológicas e fisiológicas, socialmente padronizadas, tais como: comer, beber, fazer sexo, dormir. Estas práticas produzem uma satisfação agradável e se repetem diariamente em razão das necessidades humanas, em ritmos já organizados: a hora de comer, de dormir, da higiene corporal, entre demais ações que ocorrem com determinada frequência e duração, de acordo com o organismo de cada indivíduo e com seus costumes e práticas culturais. Em relação a essas necessidades a pesquisa evidenciou 86 menções no decorrer da semana e 113 menções no final de semana, ocupando aproximadamente 36,9% dos tempos livres docentes, sendo que 11,8% das menções foram dos homens e 10,9%, das mulheres, no decorrer da semana, enquanto no final de semana essa ocupação passa para 6,6% das menções dos homens e 7,6%, das mulheres. Desse modo, tantos os homens quanto as mulheres realizam as ações relacionadas às necessidades humanas com maior frequência no decorrer da semana, conforme demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 15 – Provisão das necessidades humanas – por sexo



Alguns destes tipos de ações citadas pelos sujeitos podem se tornar uma atividade de lazer e entretenimento, quando saem da rotina, como, por exemplo, almoçar fora de casa, dormir em um hotel, fazer sexo em motel, dentre outras, pois, de acordo Norbert Elias e Erich Dunning (1992), no espectro das atividades do tempo livre, uma mesma atividade pode ter função diferente nos tempos cotidianos, realizando-se de modo distinto, variando entre um e outro contexto, uma e outra situação.

Cuidados de si

No espectro dos tempos livres no cotidiano docente, no cuidado de si destacam-se três possibilidades: cuidados com a saúde, cuidados relacionados às atividades físicas e cuidados com o corpo, em termos estéticos, dimensões relacionadas entre si, porém distintas para efeito de análise. Houve 242 menções sobre essas práticas, ocupando 13,7% dos tempos livres docentes no decorrer da semana, sendo que 5,5% das menções foram dos homens e 8,2%, das mulheres. Já no final de semana essa ocupação com o

cuidado de si diminui significativamente para 8,7%, sendo que 2,4% das menções foram dos homens e 6,3%, das mulheres.

Em relação às práticas relativas ao cuidado com a saúde, dentre outras ações, destacam-se entre as mais citadas pelos sujeitos: ir ao médico; fazer acupuntura; ir ao posto de saúde; ir ao hospital; fazer exames de rotina; fazer terapia. No geral, obtivemos apenas 10 menções dessas práticas no decorrer da semana. O equivalente a 3% das menções foram dos homens e 7%, das mulheres. Já no final de semana, as menções baixaram para duas, citadas exclusivamente pelas mulheres (2,0%). Pode-se inferir que elas ocupam mais os seus tempos livres com o cuidado da saúde do que eles, mesmo subsumidas pelos períodos dos diversos trabalhos que desempenham.

11

Tempos livres institucionalizados nos calendários: recessos, férias e feriados

Nos tempos cotidianos docentes, sob a forma de períodos livres institucionalizados nos calendários civis e escolares, existem alguns períodos em que os tempos livres podem ser considerados mais longos, dentre eles o recesso no mês de julho e as férias de final de ano, os quais podem ser considerados tempos livres do trabalho assalariado. Esses são, possivelmente, os únicos períodos nos quais os indivíduos conseguem se desvincular do trabalho escolar, alguns totalmente, outros em parte, pois há colegas que se preocupam com o retorno, com a condição dos alunos, além dos que aproveitam o distanciamento da escola para refletirem sobre suas práticas, para criarem novos métodos pedagógicos, para selecionarem material didático e se prepararem para o retorno ao trabalho. Também compõem esses tempos, além das férias, os feriados nacional, estadual e municipal e recessos, geralmente agregados a esses feriados ou em períodos, que nos calendários escolares de épocas pretéritas, eram também de férias.

Entende-se por recesso escolar uma suspensão ou curta interrupção do trabalho docente. No município de Porto Seguro, por se tratar de uma cidade turística, o recesso ocorre sempre no mês de julho, diferentemente de outras cidades baianas, onde o recesso ocorre em junho, no decorrer dos festejos juninos. Trata-se de não mais que 20 dias, nos quais algumas professoras e professores buscam relaxar e se desvincular do

trabalho principal, enquanto outros procuram estudar e/ou trabalhar para complementar a renda, principalmente no turismo, como podemos observar nos relatos das professoras Livia e Telma:

Não vejo a hora de chegar o recesso, ele é curto, mas dá pelo menos para espairecer um pouco, ficar um pouco com a família, sabe? Não dá para viajar, primeiro que a gente fica sem dinheiro, o recesso geralmente é na segunda semana de julho até a primeira de agosto, quando chega o dinheiro, acaba o recesso. Então fico em casa descansando, relaxando um pouco (Professora Livia, mensagem pela internet, em 20 de junho de 2013).

(...) no recesso eu continuo trabalhando, é o período em que estou livre do trabalho da escola, então aproveito para aumentar um pouco as minhas vendas, fazer compras, no máximo visitar a família e ficar em casa descansando (Entrevista concedida pela professora Telma, em 20 de outubro de 2013).

Quanto ao período de férias docentes, uma conquista do movimento trabalhista de longa data, um direito trabalhista, é uma interrupção relativamente longa do trabalho, destinada ao descanso, ao relaxamento, à descontração. Em Porto Seguro, esses tempos são relativamente longos, iniciam sempre no período natalino e só encerram após o carnaval, devido à quantidade de estudantes que trabalham no período de alta temporada turística. Nesse período as/os docentes sentem-se aliviados e fazem uma série de atividades, principalmente de lazer, como podemos observar no diálogo de Alice, Joana e Jaqueline:

Professora Alice : Ah... o mês de janeiro foi muito massa... Eu fui pra praia bastante, em vários momentos. Foi muito legal assim... eu acho que a curtidão maior foi a praia mesmo. O mês de janeiro foi muito bom... muito praia... final de tarde... noite, assim... lua... Ah... essas coisas da natureza... contando que o mês de janeiro até um dia desses a gente estava quebrada... (risos).Então, eu só tinha programa sem gastos... eu não fazia mais nada, mas deu pra aproveitar bastante, nossa... eu fui muito pra praia... muitas pessoas diferentes... foi bem legal... ainda tá sendo... hoje aqui também... (risos)

Professora Jaqueline: Ah... janeiro pra mim... olha, eu fiz uma coisa que toda manhã eu gosto de fazer... é acordar tarde! Então eu acordei muito tarde... me diverti com os amigos na Passarela... fui à praia...

não tomei sol! Mas fui. É... assisti a filme... fui a aniversários... a churrascos na casa de amigos (...)

Professora Joana: O meu mês de janeiro foi muito... minhas férias... foram as melhores férias até então né? Fui pro local que eu queria ir né? Principalmente junto da minha família... conheci muita gente legal... me diverti muito... ambientes diferentes... todo dia eu saía pra um lugar diferente... conhecia gente nova... foi maravilhoso... detalhes... (Grupo Focal nº 7, realizado em 10 de fevereiro de 2013)

Enquanto as professoras Joana, Jaqueline e Alice apresentaram os pontos relevantes das férias, como passeios à praia, as festas, viagens, sociabilidades, Jocélia aponta essas mesmas vantagens, mas também revelam que, por morar em Porto Seguro, quase não descansa, porque trabalha o ano inteiro, e geralmente quando está de férias, recebe muitas visitas de parentes e amigos que moram noutras cidades, conforme relata:

Tive visita de QUATRO pessoas de Goiás do dia 20 de Dezembro até dia 25 de Janeiro. Sendo que nesse período recebi mais de 30 pessoas no período do Natal e chegada do Ano Novo. Casa superlotada, detalhe: Só pude ir a praia um dia, pois não tenho ajudante, ou seja, sou eu quem faço tudo. Estas visitas demoradas tbem, fez com que me atrasasse na minha monografia da pós que teria que entregar. Só tenho este resto de semana para fazer isto (Professora Jocélia, mensagem pela internet, em 21 de janeiro de 2013).

Passando aos feriados, são todos os dias em que se suspende o trabalho e as aulas, por prescrição civil ou religiosa, durante o ano letivo. Na cidade de Porto Seguro, durante o ano, entre março e dezembro, período letivo, contamos com os feriados oficiais que são 08, 02 estaduais e 07 municipais. Esses tempos, que convencionalmente chamamos de livres, constituem tempos de muito trabalho e pouca diversão, pois são destinados a colocar o trabalho docente atrasado em dia, fazer faxinas mais amiúde, além de também receber visitas. É ilustrativo o relato da professora Lúcia, a esse respeito:

Meu feriado foi corrido, recebi visitas durante o feriado, uma amiga com dois filhos e uma sobrinha, quase fiquei doida, não consegui produzir nada, me estressei, e cheguei morta na segunda-feira na escola. Sinceramente preferia nem ter tido essa folga, me cansei mais do que quando tô trabalhando, agora tô tentando recuperar o tempo perdido (rsrsrs). Também, não foi só tragédia, me diverti um pouquinho no sábado, com a visita dos meus irmãos, foi muito bom a farrinha que

fizemos (Professora Lúcia, mensagem pela internet, em 09 de setembro de 2013).

Como os demais, os tempos livres institucionalizados nos calendários, como feriados, recessos e férias, não são homogêneos para as/os docentes. E mesmo que se destinem a períodos de não trabalho, e ainda que possa sempre neles haver algum ganho de descanso e de tempos efetivamente livres, muitas vezes se misturam a tarefas não somente da casa, mas da docência, da complementação salarial e outras, no espectro geral dos tempos livres do cotidiano das/os docentes, que buscamos apresentar, num panorama geral, neste artigo.

Resumindo e finalizando, pode-se dizer que, de um modo geral, os tempos livres de professoras/es ficam acorrentados ao tempo de trabalho, principalmente no mundo atual, que reificou o tempo como um instrumento de poder e valor, problema que se torna mais acentuado em se tratando das professoras, mulheres.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor. **Indústria Cultural e Sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- ARAUJO, Emília. **Os tempos sociais e o mundo contemporâneo**. Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade – Universidade do Minho, 2010.
- DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!** A intensificação do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- ELIAS, Nobert. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- ELIAS, Nobert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FANGER, Elsie Mc Phail. **Voy atropelando tempos: género y tiempo libre**. México: Casa abierta ao tiempo – Universidade Autónoma Metropolitana, 2006.
- FRIEDMANN, George. **Os lazeres e a insatisfação do trabalho: o trabalho em migalhas**. SP: Perspectivas, 1972.
- HARBERMAS, Jurgen. Notas sociológicas sobre la relación entre el trabajo el ocio. In: **Razón Concreta**. Bonn, G. Funks. Trad. Juan Carlos Mairão. Centro de Investigaciones sociológica da Universidad Autónoma de Barcelona. (mimeo), 1982.

MARTUCCELLI, Danilo e ARAUJO, Kathya. **Desafíos comunes**: retrato de la sociedad chilena y sus individuos. Santiago: LOM ediciones, 2012.

TEIXEIRA, Inês A.C. e SILVA, Geovani de Jesus. Isto e Aquilo: sentimentos do tempo de professores/as In. MARQUES, Luciana Pacheco et all (Org). Tempos: movimentos experienciados. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2012.

_____. Urdiduras do tempo, viscos da vida narrativas de mulheres professoras. **VII Seminário do Redestrado**: novas regulações na América Latina. Buenos Ares, 2008.

_____ e SILVA, Luiz. Tempos docentes na internet: frequência, usos e significados. **Revista Extra-Classe**, nº. 1, V. 2, agosto/2008.

_____. **Tempos enredados**: teias da condição professor. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: THOMPSON, Edward P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WEBER, Erich. **El problema del tiempo libre**. Madrid: Editora Nacional, 1969.